

O ESTATUTO CATEGORIAL DOS POSSESSIVOS: Possessivos e adjectivos

Matilde Miguel

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

1. Introdução

É tradicionalmente admitido que, em posição pré-nominal, quando combinados com um nome com matriz fonológica, o possessivo assume uma forma de “determinante”, nas línguas em que não se combina com um artigo (Francês (1.a), Castelhana Standard (1b)).

- (1) a. J'ai laissé *ton* livre sur la table.
- b. *Mi* ordenador está estropeado.

Contudo, na mesma posição, em línguas em que o possessivo se combina com um artigo (Italiano, (2.a), Português Europeu (PE) (2b)), alguns autores assumem que o possessivo é um adjectivo:

- (2) a. Il *mio* amico.
- b. O *meu* amigo.

Giorgi & Longobardi (1991:154) traduzem esta ideia da seguinte maneira:

“Possessive elements are syntactically specified to be realized on the surface either as As (as in Italian), or as Ds (as in English and French)”

Cardinaletti, 1998, para o Italiano, e BRITO, 2000, para o PE, mantêm o mesmo tipo de análise, defendendo que em ambas as línguas se podem tratar os possessivos combinados com um nome lexical como formas adjectivais. E, apesar de mostrar claramente que os possessivos se dividem em clíticos, formas fracas e formas fortes. Cardinaletti, 1998,22 afirma:

“The deficient / strong opposition found in pronominal system also characteri-

zes possessive systems. If possessives are adjectives, as traditionally claimed [...], this means that what we have found here is pairs of deficient/strong adjectives.¹ The fact that the deficient/strong opposition is found across categories fits well with the approach in Cardinaletti and Starke, 1994, in which the underlying cause of the distinction is a structural difference: deficient elements are a structural subset of strong elements, regardless of the labels on the structure.”

Se esta tipologia tripartida, como defendido em Cardinaletti e Starke, 1994 e Cardinaletti, 1998, for transcategorial, permite abranger formas adjetivais. Nesta perspectiva, teríamos de analisar os possessivos pré-nominais como “adjetivos fracos”, nas línguas em que co-ocorrem com artigo, como adjetivos “clíticos²” (em posição inicial absoluta), enquanto que os pós-nominais se qualificariam como “adjetivos fortes”.

Repare-se que, neste caso, o Francês levanta de imediato um problema, uma vez que, em posição pós-nominal (3.a), em contextos predicativos (3b) e ainda em construções de redobro (3c), a relação de posse assume claramente a forma de um pronome “dativo de posse”:

- (3) a. *un ami à moi* m'a appelé ce matin.
 b. *Ce livre est à moi*
 c. *Ses films à lui* ont eu un succès énorme.

Por outro lado, Picallo & Rigau, 1999 e de modo geral, as gramáticas do Espanhol, assumem que, no Castelhana, os possessivos são uniformemente “pronomes”.

- (4) a. *Su casa* estaba situada en un altozano.
 b. *La casa suya* estaba situada en un altozano.

Assim, no que diz respeito às línguas citadas, teríamos de defender que o Castelhana e o Francês dispõem de possessivos pertencendo à classe dos pronomes e que o Italiano e o PE dispõem de formas adjetivais. Tal posição pode ser mantida se for possível mostrar que os possessivos, em PE, se comportam como os adjetivos.

As secções que seguem têm por finalidade avaliar esta hipótese dos possessivos do PE enquanto adjetivos, comparando o comportamento sintáctico destes modificadores do nome com os possessivos, com o objectivo de estabelecer o estatuto categorial destes últimos.

¹ sublinhado meu

² Esta formulação pretende apenas transmitir a ideia de que se trata de adjetivos nucleares (x°).

2. Os possessivos e os adjectivos

2.1. *Tipologia de adjectivos*

Se bem que existam várias hipóteses sobre a análise mais pertinente para estes modificadores do nome (cf. CINQUE, 1994) – adjectivos enquanto [Specs] de categorias funcionais hierarquizadas e KAYNE, 1994 – adjectivos enquanto “predicados” – adopto uma hipótese mista, desenvolvida, em particular, em VALOIS, 1991 e BERNSTEIN, 1993 por ser aquela que permite um tratamento destes modificadores que se aproxima do tratamento “standard” proposto para advérbios. BERNSTEIN, 1993 assume existirem as seguintes classes de adjectivos:

1. Adjectivos predicativos, núcleos de uma oração pequena de natureza adjectival³.
2. Adjectivos temáticos, que ocorrem com nomes que dispõem de uma estrutura argumental, como definida em GRIMSHAW, 1991. Trata-se, no seu essencial, de adjectivos étnicos (cf. *italiano*). Para a autora, estes adjectivos são gerados na posição de [Spec, NP]. Nesta classe incluem-se ainda alguns adjectivos denominais (cf. *electricolatómico*).
3. Adjectivos adjuntos, i.e., gerados em posição de adjunção a NP e /ou a Num(ber)Phrase; assemelham-se aos advérbios de modo ou orientado para o sujeito (cf. *brutal, suposto*).
4. Adjectivos nucleares que, segundo a autora, são directamente seleccionados por D^o) e que tomam como complemento obrigatório um nome lexical (cf. *mero*).

Compare-se então o comportamento sintáctico das classes de adjectivos em (2-4) com os possessivos.

2.1.1. O possessivo e os adjectivos temáticos

O primeiro conjunto de adjectivos a considerar será a classe de adjectivos denominados “temáticos”, uma vez que, como os possessivos, manifestam propriedades interpretativas argumentais (cf., entre outros, CINQUE, 1994).

Vejam as propriedades destes adjectivos, combinados com nomes deverbais eventivos e compare-se com o possessivo:

³ O facto de se encontrarem possessivos em contextos predicativos não invalida a hipótese aqui defendida, segundo a qual, em PE, como no Castelhana e no Francês, pertencem ao paradigma dos pronomes, uma vez que os pronomes pessoais podem ocorrer em contextos predicativos (cf. MORO, 1997), pelo que não será considerada esta classe de adjectivos:

(i) a. O Pedro é ele (próprio) em qualquer circunstância.
b. A Maria é ela e eu sou eu!

Segundo CRISMA, 1990, VALOIS, 1991, BERNSTEIN, 1993, GIUSTI, 1993 e CINQUE, 1994, estes adjectivos respondem negativamente ao conjunto de testes seguintes, enquanto que os adjuntos (classe 3) respondem positivamente:

- (i) não podem ocorrer em construções de elipse (5.a) *vs* (5b),
 - (5) a. Acompanhei a invasão americana (do Kosovo) pela televisão.
 - b. *Acompanhei a americana.
 - (6) a. Vi a tua representação (da “Casa de Boneca” de Ibsen) no São Carlos.
 - b. Vi a tua no São Carlos.
- (ii) nem em posição predicativa (7)
 - (7) *A invasão foi americana.
 - (8) A representação foi tua.
- (iii) não podem entrar em construções de oração reduzida (9):
 - (9) * Os europeus consideraram a invasão americana.
 - (10) Os europeus consideraram a invasão sua.
- (iv) nunca ocorrem em posição pré-nominal (11):
 - (11) * Uma/a americana invasão.
 - (12) Uma/a nossa invasão.
- (v) não aceitam ser modificados por um advérbio intensificador (13)
 - (13) * A invasão extremamente americana levou apenas alguns segundos.
 - (14) Aquela representação tão pouco tua foi despachada em alguns segundos.
- (vi) Contrariamente ao possessivo, o adjectivo temático não corresponde a um argumento adnominal “genitivo” em *de*, como o mostra a agramaticalidade de (15c):
 - (15) a. A invasão da Polónia pela Alemanha.
 - b. A invasão alemã _{agente} da polónia.
 - c. ?? A invasão (da Alemanha) da Polónia (da Alemanha).
- (vii) Só podem receber uma interpretação agentiva, contrariamente ao que acontece com o possessivo (compare-se (15b) com 16.a) *vs* (16b-c):
 - (16) a. * A invasão polaca _{tema} pela Alemanha.
 - b. A sua _{tema} invasão pela Alemanha.
 - c. A sua _{agente} invasão da Polónia.

Quando combinados com nomes que denotam objectos, estes adjectivos recebem uma interpretação de “modo” podendo então ser graduados (17.a).

Em termos morfológicos, contrariamente aos adjectivos, o possessivo não pode encontrar-se na forma de superlativo absoluto sintético, típico de adjectivos graduáveis/escalares.

- (17) a. Este ano, essa roupa italianíssima invadiu as lojas.
 b. ? Felizmente, aquela roupa tão (tipicamente) tua deixou de se usar.

Como (17b) mostra, se bem que alguns falantes admitam que o possessivo pode ter uma interpretação semelhante ao adjectivo de (17.a), (i.e., *muito a teu modo*)⁴, existe sempre uma leitura em que o possessivo se interpreta como “que te pertence” ou como “que tu criaste/de que tu és o autor”, não surgindo essa ambiguidade com o primeiro.

Em suma, nenhuma das restrições apontadas para os adjectivos étnicos, surge com possessivos. Estes últimos respondem positivamente aos testes em (i)-(v), apresentando assim as propriedades que Bernstein, 1993 defende serem as dos adjectivos “atributivos”, que ela analisa como adjuntos (a NP e/ou NumbP). Assim sendo, em termos de comportamento sintáctico, os possessivos, apesar de manifestarem propriedades interpretativas argumentais parecem mais próximos dos adjectivos adjuntos do que dos adjectivos temáticos.

As diferenças entre adjuntos e especificadores, num quadro como o de KAYNE, 1994, não são substanciais, uma vez que só é legítimo um adjunto/especificador por cada projecção máxima e que, em ambas as circunstâncias, existe uma relação de “predicação”. No entanto, existem diferenças entre adjuntos e especificadores que não são facilmente redutíveis, o que leva CHOMSKY, 1995 a manter a distinção entre adjuntos e especificadores. A mais saliente de entre elas é o facto de um adjunto ser um constituinte não movido (i.e., inserido por “merge”), enquanto que um especificador – se excluirmos o especificador de um núcleo lexical (cf. ADGER et Al., 1999: 2) – é sempre um constituinte submetido a movimento. Em segundo lugar, um especificador verifica traços casuais/e ou de concordância contra o núcleo que o *atrai*, mas não um adjunto, que é normalmente interpretado como um “operador de escopo”.

Dadas estas diferenças, só se poderão tratar os possessivos como “adjuntos” se ficar comprovado que, efectivamente, manifestam as propriedades desta classe de adjectivos.

2.1.2. O possessivo e os adjectos adjuntos

Como se viu na secção anterior, os possessivos parecem ter as propriedades dos adjectivos adjuntos. Compare-se então o possessivo com os adjuntos adjectivais.

⁴ Madalena Colaço (pc).

(i) Extracção de argumentos:

É geralmente assumido que a extracção de um argumento interno a DP se processa por movimento cíclico, pelas várias posições de especificador (cf., entre outros, SPORTICHE, 1988; PICALLO, 1991; VALOIS, 1991; Miguel, 1992, 1996; BERNSTEIN, 1993. (ii) Essa extracção está submetida a uma hierarquia temática (Milner, 1982, Giorgi & Longobardi, 1991, Miguel, 1992, 1996):

(18) Hierarquia de funções temáticas *df*
Possuidor > Agente / experienciador > Tema.

Observem-se os exemplos em (19-20):

- (19) a. Conheces o retrato do pintor barroco daquele filósofo grego.
b. O pintor barroco de quem_i conheces o retrato [t_i] daquele filósofo grego.
c. * Aquele filósofo grego de quem_i conheces o retrato do pintor barroco [t_i].
d. * O pintor barroco de que conheces o seu retrato.
e. * O pintor barroco de que conheces um retrato seu.
- (20) a. Conheces o (imenso) retrato (imenso) do pintor daquele filósofo grego.
b. O pintor barroco de que_i conheces o (imenso) retrato (imenso) [t_i] daquele filósofo grego.
c. * Aquele filósofo grego de que_i conheces o (imenso) retrato (imenso) do pintor barroco [t_i].
d. * O pintor barroco de que conheces o seu (imenso) retrato (imenso).
e. * O pintor barroco de que conheces um (imenso) retrato seu.

Como os dados em (19) e (20) mostram, (a) a existência da hierarquia de funções semânticas explica que um *agente*, constituinte hierarquicamente mais alto, possa ser extraído (cf.(19b & 20b)), enquanto que um *tema* não pode ser extraído por cima de um *agente* (cf.(19c & 20c)). (b) A presença de um possessivo bloqueia a extracção do *agente* (cf.(19d-20d)), o que se explica se ocupar uma das posições pelas quais se processa a extracção ([especificador]). (c) A presença de um adjetivo adjunto não interfere com a extracção (compare-se (19b-d)), que não contém nenhum adjetivo adjunto com (20b-d), onde foi introduzido um adjetivo adjunto; os juízos são idênticos.

Se o possessivo tivesse o estatuto de um adjunto, não teríamos como explicar que o primeiro, contrariamente ao segundo, interferisse na extracção de argumentos.

(ii) Coordenação

Apesar de admitir que o possessivo, nas línguas em que co-ocorre com determinantes, tem o estatuto de um adjetivo, GIORGI & LONGOBARDI, 1991, 256, reconhecem que a impossibilidade de coordenar um possessivo com um

adjectivo (21.a), por oposição à possibilidade de coordenação com um DP (21b) & (22.a), pode constituir uma dificuldade para a sua hipótese sobre a natureza adjectival dos possessivos.

- (21) a. * La casa mia e bella
 b. La casa mia e di Gianni
 (22) a. Il libro mio e di Moravia
 b. L'occupazione nostra e tedesca della Jugoslavia

Para os autores, a oposição entre (21a) e (22b) mostra que o possessivo pode ser coordenado com um adjectivo se e só se houver uma partilha de “função semântica”, o que é o caso em (22b), mas não em (21a). Para GIORGI & LONGOBARDI, 1991, 256, a aceitabilidade de (22b) permite manter, para o italiano, um tratamento dos possessivos como adjectivos.

Observem-se os dados relativos ao PE.

- (i) Em primeiro lugar, (22b) seria marginal uma vez que, em PE, se o núcleo nominal não estiver modificado por uma relativa, o possessivo em posição pós-nominal é agramatical, quando combinado com o artigo definido. Por outro lado, se colocarmos o possessivo em posição pré-nominal, o equivalente a (22b) será agramatical (23.a).
 (ii) Em segundo lugar, o facto de introduzir um indefinido, de modo a permitir a ocorrência de um possessivo em posição pós-nominal, não melhora substancialmente o juízo de gramaticalidade; a coordenação com um adjectivo temático surge, pelo menos, muito marginal (23b).
- (23) a. * A nossa (e alemã) invasão (e alemã) da Polónia.
 b. ?? Uma invasão nossa e espanhola do continente americano.
 c. Uma invasão nossa e dos espanhóis do continente americano.

Contrariamente ao que é defendido em GIORGI & LONGOBARDI, 1991 para o Italiano, verificamos que, no PE, o possessivo pós nominal só pode ser coordenado com um DP (22c), o que aponta para o facto de este pertencer também a essa categoria sintáctica, i.e., qualifica-se como pronome forte e não como adjectivo.

2.1.3. Os adjectivos nucleares

A terceira classe de Adjectivos identificados por BERNSTEIN, 1993 é a dos adjectivos nucleares (X^o). Contrariamente aos predicativos e atributivos, que são categorias lexicais, estes adjectivos podem ser entendidos como elementos funcionais⁵. Para a autora, estes adjectivos são directamente seleccionados por

⁵ Nesse sentido, podemos dizer que estão a ser afectados por um processo de gramaticalização. A evolução do processo pode ser testada pela inserção do modificador de intensificação “tão”, ou com

D° e tomam um NP como complemento obrigatório (cf.(24)). Manifestam ainda as propriedades enumeradas em (i)-(viii). (i) Ocorrem sempre em posição pré-nominal (25.a) *vs* (25b). (ii) Não podem ser modificados (26). (iii) Não têm uso predicativo (27). (iv) Não ocorrem em construções de elipse (28).

(24) [DP[D° o][AP[A° puro][NP[N°macho]]]]

(25) a. Isto é um mero exemplo desse tipo de comportamento.

b. * Isto é um exemplo mero desse tipo de comportamento.

(26) * Isto é um muito mero exemplo.

(27) * Este exemplo é mero

(28) * As pessoas gostam de exemplos complicados, ignorando os meros.

Como BOLINGER, 1967 o faz notar,(v), induzem uma leitura de “tipo” no determinante (29), (vi) Intensificam o determinante (30) e, (vii) “Qualificam” o tempo do verbo (31):

(29) É um verdadeiro poeta.

(30) É o puro macho latino

(31) Ele é o futuro / antigo rei.

(viii) De modo geral, estes adjectivos têm um comportamento ambíguo:

(32) a. O (* muito pouco) puro macho latino está em vias de extinção.

b. As suas (muito pouco puras) intenções (muito pouco puras) foram descobertas e denunciadas.

Estes adjectivos contrastam com os possessivos.

Em primeiro lugar, como podemos verificar em (32), em posição pré-nominal, quando se qualificam como núcleos (32.a), estes adjectivos favorecem uma leitura de “espécie” ou de “tipo” da expressão em que ocorrem. Em posição pré e pós-nominal podem ainda ser modificados, comportando-se então como categoria máxima e pertencendo à classe dos adjuntos, de que partilham as propriedades. De um ponto de vista interpretativo, o valor dos dois itens é diferente (cf. *um puro macho latino / um macho latino puro*)⁶.

Ora, apesar de ter defendido (cf. MIGUEL 2001a)⁷ que o possessivo pré-nominal, no dialecto padrão, manifesta propriedades de núcleo, enquanto que

o superlativo sintético -íssimo- que ainda é possível com alguns destes adjectivos. Ronat classifica estes adjectivos como “modais”.

⁶ Neste sentido, estes adjectivos podem obedecer à tipologia “transcategorial” sugerida por Cardinaletti (1998), que deverá ser pensada, independentemente de uma tipologia de possessivos.

⁷ Para um tratamento do possessivo no PE, ver também Brito, 2001 e Castro & Costa, 2001, para o possessivo no dialecto padrão e um tratamento de advérbios nucleares.

o possessivo pós-nominal tem propriedades de categoria máxima, não existem diferenças ao nível da interpretação do possessivo ele próprio (cf. *um meu amigo / um amigo meu*), nem ao nível da posição estrutural. O possessivo é sempre um [Especificador], como os testes relativos à extracção mostram (cf. ex. (19-20)). Por outro lado, como se pode verificar em (32b), o possessivo em posição pré-nominal, ao contrário do adjectivo, não permite uma interpretação de espécie da expressão em que ocorre.

Em segundo lugar, as expressões que contêm esta classe de adjectivos podem combinar-se com determinantes indefinidos (cf. (29)) ou definidos (30). O possessivo pré-nominal, no dialecto padrão, apesar de se qualificar como núcleo, apenas se pode combinar com o artigo definido.

Em terceiro lugar, em capítulo independente do trabalho em curso, contra BERNSTEIN, 1993, defendo que os adjectivos nucleares não são directamente seleccionados por D^o, mas que se adjungem ao núcleo nominal⁸, com base nos seguintes dados:

- (i) Pode intervir um possessivo (33.a) ou um adjectivo adjunto (33b) entre o determinante e o adjectivo nuclear que ocupa uma posição de adjacência, à esquerda do núcleo nominal:
 - (33) a. As nossas meras intuições não constiuem provas empíricas convincentes.
 - b. Um extraordinário mero acaso (o ter ganho o totoloto) transformou a minha vida.
- (ii) Um possessivo pré-nominal não pode, em nenhum dos dialectos, intervir entre um adjectivo desta classe e o núcleo nominal, o que aponta para uma posição estrutural diferente; i.e. o possessivo pode ter o estatuto de um núcleo (X^o), mas não se adjunge ao núcleo nominal (cf.(34)):
 - (34) a. * As meras nossas intuições não constiuem provas empíricas convincentes.
 - b. * O / um futuro nosso rei.
 - c. * O verdadeiro nosso poeta
- (iii) Em (35), verificamos que estes adjectivos podem surgir em sequências de dois⁹. Se o possessivo nuclear fosse de natureza adjectival, deveria, em princípio, poder ser coordenado com outro adjectivo nuclear (cf. Ronat, 1974); ora (36.a) mostra que assim não é. Por outro lado não pode haver sequências que contenham mais que um possessivo (36b)¹⁰.

⁸ Este tratamento está em consonância com tipologias de índole semântica, uma vez que, nesta área tem sido observado que estes adjectivos afectam directamente a denotação do núcleo nominal; cf. o tratamento de “falso”, na Gramática de Montague.

⁹ Se a restrição sobre coordenação, que implica partilha de funções semânticas, apontada por GIORGI & LONGOBARDI, 1991, pode explicar a agramaticalidade de (36.a) – vejam-se os comentários aos exemplos em (21-22) – não explica a impossibilidade de “serialização” do possessivo (36b), por oposição à “serialização” de adjectivos nucleares.

¹⁰ A restrição que limita a ocorrência de apenas um possessivo está em consonância com o princípio de possessivização “no more than one phrase may appear as a possessive” (cf. GIORGI & LONGOBARDI, 1991, 66).

- (35) a. A pura e simples / a simples e pura/ verdade
 b. Um perfeito verdadeiro / um verdadeiro perfeito/ artista é aquele que ama o seu publicozinho. (cf. *Serafim Saudade de Hermann José*).
- (36) a. ?? a minha e pura verdade.
 b. * Um / o meu teu retrato.

Por fim, num quadro como o de BERNSTEIN, 1993, é crucial que os adjectivos sejam inseridos na posição em que ocorrem, i.e., são basicamente gerados, o que não acontece com os possessivos pré-nominais.

Perante estes contrastes, o possessivo pré-nominal não pode ser assimilado aos adjectivos nucleares.

3. Síntese

A comparação entre classes de adjectivos e possessivos mostra que estes últimos não partilham as propriedades de nenhuma das classes de adjectivos identificadas, o que leva a analisar os possessivos como pronomes. Esta opção prende-se ainda com os dados em (i)-(iii).

- (i) Quando assumem a forma de possessivo, os argumentos do nome ou modificadores argumentais (cf. GRIMSHAW, 1991) são legitimados por meio de uma relação estrutural nas várias posições de [Spec] das projecções “alargadas” de [N°].
- (ii) Os possessivos têm as propriedades dos elementos estruturalmente legitimados
- (iii) Manifestam propriedades dos sujeitos fráscicos, em particular:
 - (a) podem estar associados a várias funções temáticas (possuidor, agente, experienciador, tema).
 - (b) Só pode ocorrer um possessivo por DP, i.e., obedecem ao *Princípio de Projecção Alargada* (EPP).
 - (c) C-comandam assimetricamente o objecto, podendo ligar anáforas em posição de objecto (37):

(37) A sua_i opinião de [si próprio]_i é a melhor.

(d) Podem ser controladores de PRO (38):

(38) Son_i envie de PRO_i compreendere est immense.

(e) Podem ser elididos em estruturas de coordenação (39):

(39) A sua_i vontade e (o) [e]_i desejo de nos impressionar são grandes.

A hipótese que se pode formular, mas que fica em aberto por necessitar uma verificação cuidada, é a de que:

- (i) O possessivo pode ter sido um adjectivo, numa fase em que possuía propriedades de categoria máxima, aceitando modificação e coordenação, qualquer que fosse a posição que ocupava (pré ou pós-nominal).
- (ii) A reanálise da posição pré-nominal como núcleo trouxe evidências para um sistema tripartido de possessivos (no sentido de CARDINALETTI & STARKE, 1994)
- (iii) O paradigma dos possessivos sofre um fenómeno de recategorização, visível no francês (as formas “adjectivais” *mien* são substituídas por formas pronominais *à moi*). Em PE não há substituição, mas o paradigma torna-se tripartido e é reanalisado como sistema pronominal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADJER, D., Pintzuk, S., Plunkett, B. & Tsoulas, G., 1999, (eds), *Specifiers, Minimalist Approaches*, Oxford University Press.
- ALEXIADOU, A. & Wilder, C., (eds), 1998, *Possessors, Predicates and Movement in the DP*, John Benjamin, Amsterdam.
- BERNSTEIN, J. 1993, *Topics in the syntax of nominal structure across Romance*, Ph. D. City University of New York.
- BOLINGER, D., 1967, “Adjectives in English: attribution and predication”, *Lingua* 18, 1-34.
- BOSQUE, I., & Demonte, V., (orgs.), 1999, Gramática descriptiva de la Lengua Española, *Espasa, Madrid*.
- BRITO, A-M., 2000, “Presença/ausência de artigo antes de possessivo no Português do Brasil”, *Actas do XVIº encontro Nacional da APL*, Coimbra.
- BRITO, A-M., 1996, “A ordem de Palavras no SN em Português numa perspectiva de Sintaxe Comparada – um caso particular: os Ns deverbiais eventivos”, *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, Vol. 1, pp. 81-106, Duarte, I. & I. Leiria (orgs), Colibri/APL, Lisboa.
- BRITO, A-M., 1984, “Sobre as noções de de Sujeito e Argumento Externo: Semelhanças entre a estrutura de F e a estrutura de SN em Português”, *Buletin de Filologia, t.XXIX*, CLUL.
- CARDINALETTI, A., 1998, “On The Deficient / Strong Oppositon in Possessive Systems”, *Possessors, Predicates And Movement in the Determiner Phrase*, (17-54), Alexiadou, A. & Wilder, C. (eds.), John Benjamin, Amsterdam.
- CARDINALETTI, A. & Starke, M., 1994, *The Typology of Structural Deficiency: On the Three Grammatical Classes*, (ms).
- CASTRO, A. & Costa, J., 2001, “Possessivos e advérbios: formas fracas como Xº”, XVIIº encontro nacional da APL, FLUL.
- CHOMSKY, N., 1995, *The Minimalist Program*, MIT Press, Cambridge, Mass.
- CINQUE, G., 1994, “On the evidence for partial N-movement in the Romance DP”, *Paths towards universal grammar: Studies in honor of Richard Kayne*, (85-110), Cinque, G., Koster, J., Pollock, J-Y., Rizzi, L., Zanuttini, R. (eds) Georgetown University Press, Washington, DC.
- GIORGI, A. & Longobardi, G., 1991, *The Syntax of Noun Phrases*, Cambridge University Press, Cambridge.
- GIUSTI, G., 1993, *La Sintassi dei Determinanti*, Unipress, Padova.
- GRIMSHAW, J., 1991, 4ª ed. 1994, *Argument Structure*, MIT Press, Cambridge, Massachusetts.
- IHSANE, T., 2000, “Three Types of Possessive Modifiers”, *Generative Grammar in Geneva 1*: 21-54.

- LYONS, C., 1999, *Definiteness*, Cambridge University Press.
- MIGUEL, M., em curso, *posições de sujeito internas ao DP em Português e francês*, dissertação de doutoramento, FLUL.
- MIGUEL, M., 2001, "Para uma tipologia dos possessivos", XVIIº Encontro Nacional da APL, Lisboa.
- MIGUEL, M., 1996, "A Preposição *a* e os Complementos Genitivos", *Quatro Estudos em sintaxe do Português*, Gonçalves, A. et al., (101-147), Edições Colibri, Lisboa.
- MIGUEL, M., 1992, *O possessivo e a Estrutura predicativo Sintagma Nominal*, Dissertação de Mestrado, FLUL.
- MORO, A., 1997, *The raising of Predicates*, Cambridge University Press.
- PICALLO, C. & Rigau, G., 1999, "El posesivo y las relaciones posesivas", *Gramática descriptiva de la Lengua Española*, Bosque, I. & Demonte, V., (orgs.), (973-1023), Espasa, Madrid.
- RONAT, M., 1974, *Echelles de base et mutations en syntaxe française*, Doctorat de 3è cycle, Université de Paris VIII, Vincennes.
- SCHOORLEMMER, M., 1998, "Possessors, Articles and Definiteness", *Possessors, Predicates And Movement in the Determiner Phrase*, (55-86), Alexiadou, A. & Wilder, C. (eds.), John Benjamin, Amsterdam.
- SPORTICHE, D., 1998, "Subject Clitics in French and Romance, Complex Inversion and Doubling", *Partitions and Atoms of Clause Structure, Subjects, agreement, case and clitics*, (308-341) Routledge, London.
- VALOIS, D., 1991, *The internal Syntax of DP*, PhD, University of California, Los Angeles.